

# Metas da discórdia

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

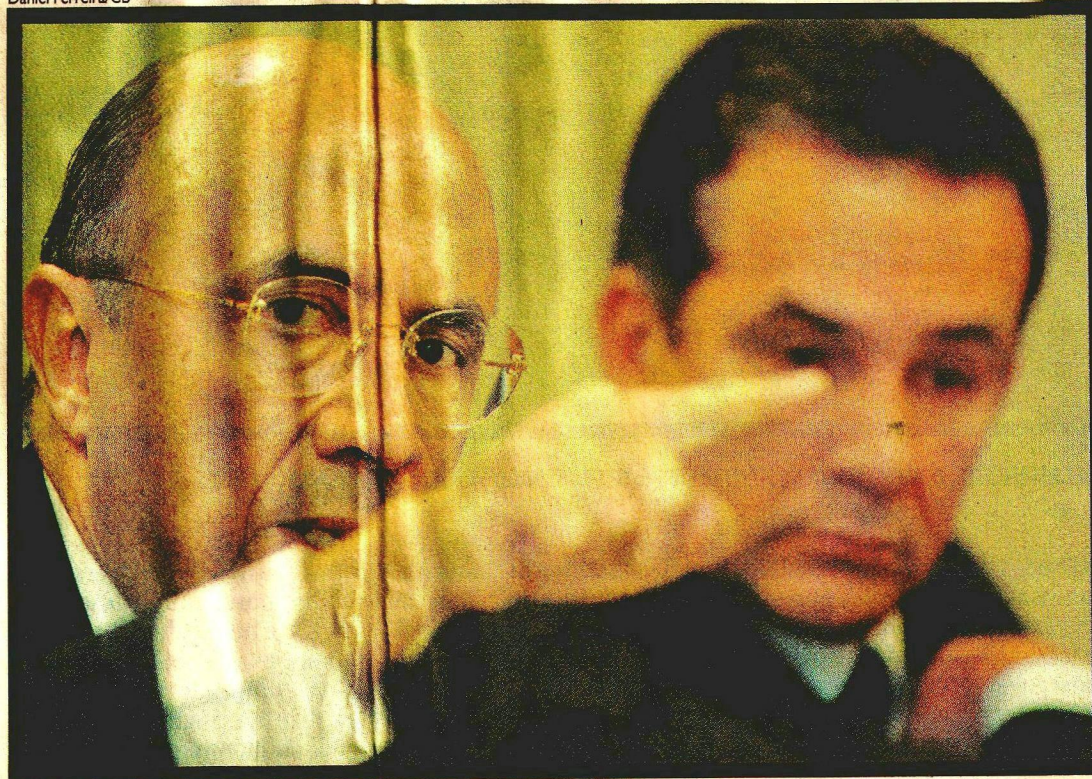
**S**e depender do Banco Central, a meta de inflação para 2008, que será definida no final deste mês pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), cairá dos atuais 4,5% para 4%. A posição do BC, no entanto, é rebatida pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, sob o argumento de que 4,5% já é uma meta apertada demais para o país. O fiel da balança nessa disputa será o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo. Entre os diretores do BC, a torcida é para que Bernardo se mantenha fiel ao pensamento defendido quando Antonio Palocci ainda comandava a Fazenda: o da necessidade de reforçar a credibilidade do sistema de metas de inflação e demonstrar o compromisso do governo com o controle da inflação. Mas como se está em um ano eleitoral, o ministro do Planejamento pode pender para o lado de Mantega, mais alinhado com o discurso petista de que a meta de inflação deve ser um pouco mais flexível para facilitar a queda dos juros e, conseqüentemente, impulsionar o crescimento econômico.

O desejo do BC de uma meta menor de inflação para 2008 ficou implícito no discurso do presidente da instituição, Henrique Meirelles, durante depoimento ontem na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado.

Ao falar sobre os fatores que determinam os juros no Brasil, Meirelles destacou que, quando comparada às taxas dos países que seguem sistemas de metas, a inflação perseguida no Brasil só é maior do que a da Turquia, de 5%. Quando se leva em consideração, porém, os intervalos de variação — de dois pontos percentuais para cima ou para baixo —, o Brasil assume a liderança, pois o teto para a inflação passa a ser de 6,5%. O regime da Turquia não permite esses intervalos. “Portanto, quando os críticos dizem que nossas metas de inflação são apertadas, ambiciosas demais, não é verdade. As nossas metas são bem mais elevadas que a dos países que adotaram esse mecanismo”, disse.

Indagado pelo Correio se tal declaração era um indicativo de que votará por uma meta menor, de 4%, na reunião do CMN deste mês, Meirelles desconversou. Para não criar atritos, já que são claras suas divergências com o ministro da Fazenda, o presidente do BC afirmou que não seria adequado dar opiniões ou sinalizar tendências de forma voluntária. Estrategicamente, Meirelles direcionou a conversa para os efeitos positivos do sistema de metas de inflação. “Temos um regime extraordinariamente eficiente, que está assegurando a convergência dos agentes econômicos para a meta”, destacou. Pelas projeções do mercado, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA),

Daniel Ferreira/CB



MEIRELLES EVITOU FALAR SOBRE O SEU VOTO NO CONSELHO MONETÁRIO NACIONAL NO FINAL DO MÊS

referência para o regime de metas, fechará este ano abaixo de 4,5%. E, em 2007, cravará o centro da meta, também de 4,5%.

## Crescimento

Mesmo em um plenário vazio — em dia de estréia do Brasil na Copa do Mundo, somente dois dos dez senadores que passaram pela CAE ficaram até o final do depoimento da diretoria do BC — Meirelles não se fez de rogado. Muni-

ciado por 87 transparências, defendeu arduamente os ganhos da política de juros, sustentado pelo regime de metas de inflação. Garantiu que, a despeito de ostentar o título de campeão mundial de juros altos, o país está crescendo a um ritmo de 4% ao ano, taxa ainda distante dos países emergentes, com média de 6%. “Já que estamos em meio à Copa do Mundo, vou fazer uma analogia. Se um jogador está doente, certamente

não vai jogar bem. Uma condição para esse jogador jogar bem é ter boa saúde. Mas jogar bem também não garante a Copa do Mundo. O importante é que o Brasil está entrando em um outro patamar de crescimento, com inflação sob controle e melhoria dos indicadores sociais”, assinalou.

Sobre o fato de os juros altos manterem os preços do dólar aquém do desejado pelos empresários, Meirelles foi taxativo:

## “PROCUREM EMPREGO”

*O presidente do PSBD, senador Tasso Jereissaiti (CE), recomendou ontem ao presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e a todos os diretores da instituição, que comecem a procurar emprego, pois não permanecerão em seus cargos em um eventual segundo mandato do presidente Lula. “Aconselho a todos a procurarem emprego, pois, diante do que se ouve na base política do governo, todos serão demitidos”. Nem Meirelles nem os diretores presentes ao Senado se manifestaram. Tasso cobrou uma posição do presidente do BC sobre o aumento dos gastos do governo, que, segundo ele, pode comprometer o controle da inflação em 2007. (VN)*

“O BC não tem nenhum varinha de condão para fixar o câmbio. E todas as vezes que optou por fazer isso, só colecionou fracassos. Posso garantir que hoje não há meta nem bandas para o câmbio”. Segundo o presidente do BC, além dos juros altos, há vários outros fatores que mantêm a cotação do dólar abaixo de R\$ 2,30, como o expressivo saldo comercial e a maior credibilidade no país.